



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo [AT]

**PRECONCEITO, RACISMO E CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA ENTRE
IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DO BRASIL**

SANTOS, Miriam

Doutorado em Antropologia

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

mirsantos@uol.com.br

Resumo

A colonização da região Sul do Brasil, com a opção preferencial pelo imigrante europeu não-português revela uma escolha baseada em preconceitos raciais, por parte do governo Brasileiro, que pressupunha a superioridade do branco europeu frente os negros, índios e mestiços da terra. Tal colonização começa em 1850 com imigrantes alemães e continua com imigrantes alemães após 1876. O objetivo deste trabalho é compreender a trajetória do movimento de reivindicação da identidade ítalo-brasileira ao longo do século XX, sua constituição e negociação enquanto uma estratégia de sobrevivência do grupo e, também, como um símbolo de classificação social, em oposição aos que não possuem este diferencial de origem europeia. Através de pesquisa etnográfica, bibliográfica e documental, centrada na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, que se localiza no extremo Meridional do Brasil, buscamos demonstrar que o discurso sobre o pioneirismo italiano além de reforçar os valores simbólicos do grupo de descendentes de imigrantes, reforça junto ao restante da sociedade brasileira a imagem que estes descendentes buscam projetar: são pioneiros, desbravadores e civilizadores de uma terra selvagem, bons trabalhadores e bons católicos, enfim merecedores do êxito econômico que desfrutam na cidade. Ao construir o lugar do pioneiro, colonizador e civilizador para si os imigrantes italianos e seus descendentes determinaram também o lugar dos outros moradores da terra: para os negros e índios o papel de selvagens, incultos e preguiçosos, para os descendentes de portugueses, ou luso-brasileiros, o papel de pessoas rudes e sem refinamento. Significativamente na região de Caxias do Sul, os descendentes de lusos e espanhóis são chamados de “pelo-duro” enquanto os descendentes de índios e negros são chamados de “brasileiros”.

Abstract

The colonization of southern Brazil, with a preferential option for the non-Portuguese European immigrant reveals one based on racial prejudice, by the Brazilian government choice, which assumed the superiority of white European front blacks, Indians and mestizos of the earth. Such colonization begins in 1850 with German immigrants and continues with German immigrants after 1876. Objective of this work is to understand the trajectory of the movement claim the Italo-Brazilian identity throughout the twentieth century, its constitution and negotiation as a survival strategy of the group and also as a symbol of social classification, as opposed to those without this spread of European origin. Through ethnographic, documentary and bibliographical research, centered in the city of Caxias do Sul, state of Rio Grande do Sul, located in the southern region of Brazil, we demonstrate that the discourse on Italian pioneering addition to reinforcing the symbolic values group of descendants of immigrants strengthens along with the rest of Brazilian society the image they seek to project descendants: they are pioneers, explorers and civilizing a savage land, good workers and good Catholics, well deserving of the economic success they enjoy in the city. When building the place of the pioneer, settler and civilizing themselves to the Italian immigrants and their descendants also determined the place of the other inhabitants of the land to blacks and Indians the role of wild, uneducated and lazy, for the descendants of Portuguese or Portuguese Brazilians, the role of rude people and without refinement. Significantly in the region of Caxias do Sul, the descendants of Luso and Spanish are called "hard-coat" while the descendants of Indians and blacks are called "Brazilian".

Palavras-chave: imigração; racismo; preconceito; etnicidade.

Keywords: immigration; racism; prejudice; ethnicity.

O objetivo deste trabalho é compreender a trajetória do movimento de reivindicação da identidade ítalo-brasileira, sua constituição e negociação enquanto uma estratégia de sobrevivência do grupo e, também, como um símbolo de classificação social, em oposição aos que não possuem este diferencial de origem.

Apesar de a rigor não podermos falar em grupo étnico no caso dos descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, move-nos o desejo de entender as razões da persistência do grupo como um segmento diferenciado da cultura nacional, bem como compreender os sinais diacríticos que eles elegeram para reivindicar uma identidade de “italianos do Rio-grande do Sul”.

Buscamos também identificar os processos que levaram à criação progressiva de uma distinção que se baseia na reivindicação de uma origem étnica específica, por parte dos descendentes dos imigrantes italianos chegados a Caxias do Sul a partir de 1875, especialmente os residentes na zona urbana do município.

Nossa motivação inicial partiu do desejo de trabalhar com a questão da construção e manutenção da identidade. Chamou-nos a atenção o fato da Festa da Uva de Caxias do Sul ter surgido no início da década de 30, mantendo-se durante o Estado Novo, tendo o seu período áureo logo após a 2ª guerra mundial, quando de um modo geral as manifestações identitárias de imigrantes alemães, italianos e japoneses foram reprimidas.

Houve a intenção de observar como a manutenção de uma distintividade entre os descendentes de italianos da região de Caxias do Sul contribui para uma justificativa étnica da sua ascensão econômica e como a Festa da Uva desempenha o papel de ritual de atualização da memória e reforço dos valores simbólicos deste grupo.

Alguns autores como Cohem afirmam que a identidade étnica está ligada a interesses corporativos. Segundo esta corrente a etnicidade é instrumentalizada e acionada nos momentos em que é relevante e a instrumentalização política da etnicidade é usada como arma para adquirir privilégios (Cohem, 1979). No entanto é importante lembrar que a identidade étnica pode até ser manipulada e utilizada para atingir determinados objetivos de alguns grupos corporados, mas que não se resume a isto, já que o grupo pré-existe ao interesse corporativo.

Desejamos compreender a trajetória do movimento de reivindicação da identidade ítalo-brasileira, sua constituição e negociação enquanto uma estratégia de sobrevivência do grupo e, também, como um símbolo de classificação social. Muitos dos descendentes que reivindicam a identidade ítalo-brasileira hoje, fazem-no por acreditar que esta identidade lhes agrega valor e contribui para a sua diferenciação social. Ser ítalo-brasileiro, é mais valorizado do que ser simplesmente, brasileiro. Além disso, a partir da inserção nas redes destes grupos étnicos, as possibilidades de ascensão sociais ampliam-se, uma vez que a marca da identidade ítalo-brasileira passa a ser um diferencial, que permite ter acesso, por exemplo, à cidadania italiana, trabalho no exterior, bolsas de estudo, etc. (Zanini,1999).

Devemos, lembrar no entanto, que os descendentes de italianos que residem em Caxias do Sul, não constituem um grupo étnico no estrito sentido do termo, mas delineiam-se como um grupo diferenciado da identidade nacional, apresentando sinais diacríticos que conformam o seu reconhecimento enquanto grupo. Os habitantes da região reportam esta identidade como característica dos descendentes de imigrantes italianos, que se instalaram na região a partir de 1875. As lideranças da cidade falam em ítalo-brasileiros, ítalo-gaúchos ou descendentes de italianos. O povo em geral fala de si mesmo como “italianos” ou “italianos do Rio Grande do Sul”.

1. A Imigração para o Rio Grande do Sul

A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que utilizava a imigração para preencher os vazios demográficos do Sul do país. Ela foi pensada como um processo de substituição não só do trabalho escravo pelo trabalho livre, mas principalmente como uma substituição do negro escravo pelo branco europeu em um processo de colonização baseado na pequena propriedade. Neste contexto a escravidão era vista como uma forma arcaica de produção que não se coadunava com a modernidade, enquanto a colonização era vista como um processo

civilizatório. O imigrante europeu era visto como um ideal civilizatório e após a Independência há uma preferência pelo não-português.

Os italianos foram escolhidos em função de pressupostos raciais, e o processo de recrutamento para a colonização no norte da Itália só se efetiva quando torna-se mais difícil trazer alemães, que eram vistos como agricultores eficientes e como o ideal para a colonização no Rio Grande do Sul.

A Itália era um dos países mais pobres e populosos da Europa, com enorme oferta de mão-de-obra. As guerras para a Unificação, a ocupação por sucessivos exércitos, o serviço militar por três anos consecutivos, foram fatores que contribuíram para a desorganização da unidade familiar de trabalho e para a pauperização do pequeno agricultor. Por outro lado a industrialização da Itália Setentrional não era capaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, o que explica a opção pela migração.

Esse êxodo de camponeses italianos dará origem no Nordeste do Rio Grande do Sul aos *colonos*, isto é, proprietários de uma fração de terra denominada *colônia*. *Colônia* é o termo que designa, especialmente no Rio Grande do Sul, tanto na linguagem oficial como na linguagem comum uma área de terra virgem, destinada à colonização. Essa área é dividida em lotes destinados por concessão, a chefes de família que para ter direito à posse plena devem desmatá-los, cultivá-los e pagá-los.

Roche nos lembra que entre outras coisas as colônias tinham uma função exemplar, na qual fica claro a subestimação da população de origem nacional: índios, caboclos, mestiços, luso-brasileiros:

(...) as colônias eram fundadas para balizar e preparar a abertura das estradas que subiriam o escarpamento da serra. Invadiam a frente florestal além da zona de povoamento luso-brasileira e formavam grande número de núcleos agrícolas cujos intervalos seriam ocupados, pouco a pouco, pela população de origem nacional, que a prosperidade exemplar das colônias oficiais atrairia. (Roche, 1969, p.112)

Esta colonização com europeus e descendentes de europeus dá origem a formação de um novo tipo de campesinato no Brasil, que por sua vez engendra a construção de núcleos urbanos e de um pequeno mercado regional. Caxias do Sul é um destes núcleos urbanos oriundos da colonização italiana.

2. A construção da identidade

Ao estudar os grupos étnicos, Barth (2000) chama a atenção para a criação e manutenção das suas fronteiras, das linhas divisórias que separam os grupos humanos. No caso específico de Caxias do Sul, houve uma dissolução das fronteiras entre as identidades regionais (na época da imigração, apesar do passaporte italiano ou austríaco, as pessoas consideravam-se venetas, trentinas, lombardas, etc..) e a fusão destas identidades em uma nova, a de “italianos”.

A fusão das identidades regionais em uma nova, a de “italiano” ou “descendente de italiano”, ocorreu através de uma alteração dos sinais diacríticos e dos critérios de pertencimento ao grupo. Não significou, entretanto, uma incorporação plena à identidade nacional brasileira, mantendo-se uma identidade diferenciada vinculada ao processo migratório.

O importante na compreensão da invocação da italianidade desses imigrantes é os sinais diacríticos que o grupo utiliza para delimitar suas fronteiras de pertencimento, a construção de tradições e de sentidos para estas tradições. Para Oro, no entanto: "(...) os descendentes de italianos do Rio Grande do Sul não negam a sua identidade de brasileiros e sobretudo de gaúchos. Em verdade, postulam uma identidade étnica plural, considerando-se, ao mesmo tempo como gaúchos, brasileiros de origem italiana" (1996, p.621).

A etnicidade, vista por este prisma, seria uma forma de reação a homogeneização imposta por padrões sociais dominantes. No contexto das negociações identitárias, a cultura seria um elemento a ser considerado dinamicamente e não como fonte imutável de pertencimento grupal.

Identidade está relacionada com interesse e é na arena interétnica que emerge a construção de identidades. Por isto, acreditamos que a reafirmação de uma identidade diferenciada adquire importância justamente quando, com o desenvolvimento da indústria, Caxias do Sul passa a atrair pessoas de diversos lugares e origens.

No caso de Caxias do Sul forma-se desde cedo uma elite dirigente na cidade, tanto política como economicamente falando e é esta elite que vai impor a sua visão de mundo, bem como a sua representação enquanto “pioneiro”, e uma ressignificação do termo “colono italiano”. Aqui observamos o mesmo fenômeno que Renk (1990, 1996) aponta para o Oeste Catarinense: os italianos apesar de minoria nacional, são maioria local e mais que isso, são a elite dominante.

3. Urbanização e Industrialização

Ao contrário de outros lugares do Brasil onde houve influência da colonização italiana, Caxias do Sul é uma cidade de porte médio. A cidade cresceu sob a hegemonia da população italiana e a medida em que cresceu e se industrializou, começou a atrair “estrangeiros”. Inicialmente os colonos da região rural do próprio município e de municípios vizinhos da encosta nordeste da serra gaúcha, também de origem italiana, mais tarde esta atração se estende à população dos chamados “Campos de Cima da Serra” e as colônias alemães.

Esta não é uma característica exclusiva de Caxias do Sul, pois como observa Seyferth , referindo-se especialmente as colônias do Vale do Itajaí (1986, p.59):

A consequência mais significativa do desenvolvimento econômico das antigas colônias, em termos étnicos, foi a quebra do isolamento. A oferta de mão-de-obra atraiu não só camponeses de origem europeia, mas também um contingente razoável de brasileiros. É neste contexto urbano que têm lugar as relações interétnicas e emergem as etnicidades.

O contato dos imigrantes e seus descendentes com a população nativa vai levar a uma reafirmação da diferença e a um discurso calcado no pioneirismo, na disposição para o trabalho e na superioridade cultural.

Segundo o principal jornal da cidade, “O Pioneiro”, Caxias do Sul é hoje uma cidade em que os migrantes formam a maioria da população. Atualmente Caxias do Sul é o segundo maior e mais influente município do Rio Grande do Sul, possui cerca de 360.000 habitantes, com 92,5% deles situados na área urbana; é o principal município da chamada "região italiana" ou "região da serra" do Rio Grande do Sul. A região é um importante polo de fabricação de vinhos, móveis, autopeças, carrocerias, malhas e outros produtos e serviços.

Outra particularidade importante é que se, de fato, os descendentes de imigrantes italianos não são mais a maioria no total da população continuam sendo a maioria nas classes mais altas: são eles os donos da maioria das indústrias e grandes lojas da cidade. Por toda a parte ostentam orgulhosamente nas fachadas das lojas e fábricas os sobrenomes de seus antepassados: Eberle, Prativiera, Tramontina, Cesa, mesmo nos locais em que a gerência foi profissionalizada e a família se afastou do controle direto.

Segundo Seyferth (1999, p.199), com o advento da República, observa-se uma onda de críticas à maneira como o Império Brasileiro conduziu a imigração e a implantação de colônias na Região Sul do Brasil:

No contexto de amplo criticismo sobre a política de colonização com imigrantes implementada antes de 1930, a partir de 1937 foram tomadas medidas coercitivas visando a atingir as organizações comunitárias étnicas produzidas pela imigração, em nome da tradição de assimilação e mestiçagem demarcadora da nacionalidade.

Tal questão, contudo, parece não se aplicar a cidade de Caxias do Sul, os descendentes de imigrantes detinham, desde muito cedo, tanto o poder político quanto o econômico. Isto explica porque, ao contrário de outras zonas de imigração, mesmo durante o período em que a campanha de nacionalização foi mais forte de 1930 até 1954, os prefeitos são descendentes de italianos, inclusive aquele que foi nomeado durante o Estado Novoⁱ, Dante Marcucci, que ficou no poder até 1947. Giron (1994, p.41) ressalta que:

Das listagens dos empresários apresentados como as maiores empresa industriais e comerciais da Região, no Álbum comemorativo de 1925, nenhum dos nomes era de brasileiros. A burguesia era constituída por

italianos natos, ou, no máximo, de filhos de imigrantes. Sob o ponto de vista econômico, estavam plenamente integrados ao capitalismo nacional.

De acordo com Machado (2001, p.29), na década de 50 do século XX, com o aumento da industrialização, a composição da população da cidade altera-se bastante com a chegada de “brasileiros.” Textualmente:

(...) a partir da década de 50, a composição da população mudou bastante. A sua fisionomia, que era constituída de “italianos” (descendentes), de rostos muito brancos, olhos claros e cabelos loiros, sofreu uma transformação e passou a ter a pele morena, cabelos e olhos escuros, indicando a chegada dos “brasileiros”.

4. Bárbaros X Civilizados

A cidade apresenta-se como um espaço aberto e disputado por grupos distintos e é também palco privilegiado para disputas, classificações e segregações. Sendo assim não surpreende saber que é, justamente a partir da década de 50 do século XX, quando a cidade de Caxias do Sul atinge um grande desenvolvimento urbano e econômico que as reivindicações de diferenciações étnicas e o apelo ao pioneirismo italiano se farão sentir com mais força. Seyferth (1994, p.19), afirma que: “A imagem que emerge (...) é a do colono pioneiro, com ampla capacidade de trabalho derivado da sua condição étnica, que criou um mundo civilizado cercado pela barbárie cabocla.

Ao construir o lugar do pioneiro, colonizador e civilizador para si os imigrantes italianos e seus descendentes determinaram também o lugar dos outros moradores da terra: para os negros e índios o papel de selvagens e incultos, para os descendentes de portugueses o papel de grossos, julgamento já expresso no apelido pelo qual eles são conhecidos: pelo duro, uma designação regional para o que no resto do país se conhece como casca grossa.

Nas grandes cidades, em especial em São Paulo, a falta de coesão grupal mantém os imigrantes como *outsiders* por várias gerações, aparecendo ainda hoje o estigma do italiano grosso, pouco educado, enfim: “casca grossa”. Em Caxias do Sul o alto grau de coesão grupal permite que o grupo passe rapidamente da condição de “outsider” para a de “estabelecidos” e que os estigmatizados como grossos sejam os descendentes de portugueses apelidados de “pelo duro”.

Na década de 50 do século XX construiu-se a identidade de imigrante italiano, onde o imigrante era progressista, desenvolvido, o colono pioneiro que havia transformando-se em industrial. A ideia de Progresso contida aí é a de desenvolvimento urbano, industrialização, grandes edifícios, enfim a transformação da “colônia” de imigrantes pioneiros na grande metrópole civilizada e civilizadora que serve de modelo de desenvolvimento ao resto do país.

Sabemos que as categorias de atribuição podem passar de negativas para positivas, e se durante a 2ª Guerra Mundial ser “italiano” era uma categoria negativa, à partir do final da guerra observamos uma reelaboração que aponta o imigrante italiano como o civilizador, aquele que transformou a selva em cidade através do suor de seu rosto. A cultura “italiana” é assumida como um sinal diacrítico. Há uma construção histórica de uma identidade, ligada a determinados comportamentos, que estão associados ao sentido de pertencimento a um grupo. Acontece neste caso um privilegiamento de uma natureza biológica (a descendência italiana) para a explicação social (o desenvolvimento de Caxias do Sul). A cultura adquire assim um significado classificatório implicando na noção de superioridade e inferioridade.

Sobre esta construção histórica da identidade acompanhamos o pensamento de Penna (1992,p. 157), quando ela afirma:

Em se tratando de grupos que mantêm uma ação conjunta (particularmente aqueles que lutam em torno de uma identidade específica), é essencial não esquecer que as representações de identidade cumprem funções organizacionais no grupo: demarcam seus limites (nós/eles), estabelecem uma “comunhão” por sobre possíveis elementos de ruptura, criando simbolicamente uma unidade em torno de interesses (materiais e/ou simbólicos) ou mesmo de um projeto comum.

Neste caso o espaço urbano é visto como o espaço da civilização por excelência, tal visão coaduna-se com o nacionalismo italiano que, ao contrário do alemão: “postulava um Estado criado por membros de uma cultura urbana” (Wolf, 2003, p.238) e insistia no conceito de *civiltá*, ou seja, as qualidades da civilização. O imigrante italiano é visto como o “pioneiro” que desbravou a terra, derrubou a mata e expulsou os “bugres”.ⁱⁱ Este conceito de nacionalismo explica porque o nacional é visto através de uma ótica extremamente negativa dentro de uma lógica de mitificação e glorificação do “pioneiro” italiano em contraste com os “selvagens” da terra.

É possível pensar que os imigrantes tenham introjetado os preconceitos da elite brasileira, visto que, como nos diz Ramos (2002, p.61):

E no debate sobre o projeto civilizatório envolvido na imigração-colonização se revela um dos aspectos mais perversos desta política: a marginalização do trabalhador nacional, em especial do ex-escravo, o que era justificado, em última análise com base em representações racistas que recaíam sobre os não-brancos. Assim, o pressuposto de que o imigrante trazia a civilização para o mundo do trabalho se complementava com a representação do escravo, ex-escravo ou homem livre e pobre como um bárbaro, que destruía a natureza e desperdiçava recursos com suas técnicas atrasadas. E isto quando trabalhava.

É importante ressaltar que a visão do colono como pioneiro e civilizador foi de certa forma criada e difundida por uma parte da elite brasileira, em Barcelos (1970,p.29) encontramos:

A cidade de Caxias do Sul, principal cidade da região, possui uma grande e tradicional metalúrgica – Abramo Eberle S.A. – e centenas de malharias, ao lado de bem montadas fábricas de móveis. Todos os anos nos oferece a fascinante e curiosa “Festa da Uva”, onde a demonstração popular de júbilo é como um hino ao trabalho e a riqueza. Há cerca de 30 anos vem se realizando esta grandiosa manifestação de operosidade. Seus carros alegóricos têm a maioria, caráter folclórico e tradicionalista, mostrando costumes do longínquo ano de 1875, quando aqui desembarcaram os pioneiros. Um majestoso monumento à entrada da cidade rende justa homenagem aos primeiros imigrantes vindos de além-mar.

Mas Barcelos vai além e destaca aquela que parece ser a capacidade mais admirada no imigrante italiano: a possibilidade de assimilação.

Etnograficamente, a população do Rio Grande do Sul, que a princípio fundira-se no cadinho ocasional das “três raças tristes”, repetindo o verso bilaqueano – o indígena, o português e o africano – vem aos poucos, perdendo o pigmento moreno e se arianizando à custa do elemento europeu que ocorre, enquanto o índio e o negro se diluem sem novas fontes de fortalecimento. A imigração permanente que se processa no Brasil, enseja a incorporação de elementos sadios e trabalhadores, como alemães, italianos, sírios, bem assim de outras procedências étnicas, que, trazendo sua cultura de além-mar, contribuem com o seu sangue e seu labor para o desenvolvimento de nosso estado (Barcelos, 1970, p.35)

Como vemos ao contrário do que afirma Gilberto Freyre (1968) os imigrantes não trazem da Europa o preconceito racial, eles herdaram-no das nossas elites. No entanto existe da parte do imigrante europeu uma rejeição a esta mestiçagem, Moraes (1981, p.124) cita um articulista teuto-brasileiro que afirma no fascículo n.º 8, de agosto de 1938, da revista “Deutch Arbeit”ⁱⁱⁱ: Querem apeia-lo [o teuto-brasileiro] de sua alta posição cultural, e deprimi-lo até ao chão do mestiçamento enfraquecido, de onde deve provar sua força empreendedora, reerguendo esse mestiçamento.

Não encontramos textos em que os descendentes de imigrantes italianos deixem tão claro o seu repúdio ao mestiçamento, mas podemos afirmar, baseados nas entrevistas e na nossa observação, que eles compartilham deste ponto de vista. Discursos como os de Costa e Boni transcrito a seguir são emblemáticos desta posição:

Investir, fazer negócios, ganhar dinheiro, nisto nos julgamos mestres insuperáveis. Para falar de nossa competência no ramo, observamos com orgulho que não houve firma de judeu que tenha conseguido sobreviver em Caxias do Sul. (...)

E como admiramos nossos irmãos de sangue que acumularam fortuna!!(...) Em nossas rodas de conversa _ mais que de mulheres e de caçadas _ tratamos de negócios, aventamos novas formas de sucesso, gostamos de mostrar como estamos bem de finanças. (...)

Esta visão economicista nos torna até mesmo um tanto daltônicos quanto à cor da pele humana: nossa prevenção ante o negro, geralmente, têm pouco de racismo e muito de desaprovação devido ao modo como ele encara a vida e o trabalho. Convém mesmo observar que nossos pais usavam o termo “*brasilián*” (brasileiro) tanto para indicar o luso-brasileiro, como para indicar o negro. (1998, pp.20-21)

O texto acima, escrito por dois professores universitários que, publicaram vários livros sobre a região italiana da serra gaúcha, ilustra bem como se misturam o senso comum e a academia e a maneira pela qual legitimam-se as teorias de diferenciação étnica dos descendentes de italianos.

Considerações finais

Buscamos demonstrar que o discurso sobre o pioneirismo italiano além de reforçar os valores simbólicos do grupo de descendentes de imigrantes, reforça junto ao restante da sociedade a imagem que estes descendentes buscam projetar: são pioneiros, desbravadores e civilizadores de uma terra selvagem, bons trabalhadores e bons católicos, enfim merecedores do êxito econômico que desfrutam na cidade.

Ao insistir no étnico, escamoteia-se o fato de que nem todos enriqueceram e que houve um processo de acumulação de capital nas mãos dos comerciantes. A tal ganho econômico segue-se a acumulação de capital político, social e simbólico (Bourdieu, 1989).

As categorias “italianos”, italiano do Rio Grande do Sul, “*talian*” ou ítalo-gaúcho são acionadas porque conferem a seu portador um maior capital social que o de simplesmente brasileiro. É este acúmulo de capitais simbólicos, econômicos e políticos que permite que a história da colonização Sul do Brasil seja contada quase que exclusivamente do ponto de vista deles.

Referências bibliográficas

- Barcelos, Ramiro Frota. (1970) *Rio Grande. Tradição e Cultura*. Porto Alegre: Flama
- Barth, Fredrik. (2000) *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In “ Lask, Tomke (org.) O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa
- Bourdieu, Pierre. (1989) *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil
- Cohen, Abner (1979) *Custom and Politics in urban Africa*. London, Routledge and Kegan Paul
- Costa, Rovílio e BONI, Luís A de. (1998) “*Nós, os gringos*” In MAESTRI, Mário. *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Giron, Loraine Slomp. (1994) *As sombras do Littorio*. Porto Alegre, Parlanda
- Moraes, Carlos de Souza. (1981) *O colono alemão*. Porto Alegre: EST
- Paulilo, Maria Ignez Silveira. (1987) *A Integração no sul do estado de Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ
- Penna, Maura. (1992) *O que faz ser nordestino*. São Paulo: Cortez
- Ramos, Jair de Souza. (2002) *O Poder de domar do fraco: Construção de autoridade e poder tutelar na política de povoamento do solo nacional*. Tese de doutorado. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ
- Renk, Arlene. (1990) *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional, UFRJ
- Renk, Arlene. (1997) *A Reprodução Social Camponesa e suas representações. O Caso de Palmitos-SC*. Dissertação de Doutorado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional, UFRJ
- Renk, Arlene.(2000) *Sociodicéia às avessas*. Chapecó: Grifos
- Roche, Jean. (1969) *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo.

Rodrigues, Jimmy. (1988) *Anotações de história de Caxias do Sul*, Caxias do Sul, EDUCS

Seyferth, Giralda (2000) “Identidade Nacional, Diferenças Regionais, Integração Étnica e a Questão Imigratória no Brasil.” In *Região e nação na América Latina*. George de Cerqueira Leite Zarur (org.), Brasília: UNB

Seyferth, Giralda. (1986) “Imigração, Colonização e Identidade Étnica.” *Revista de Antropologia*, Volume 29, SP: USP.

Seyferth, Giralda (1999) “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo” In: Pandolfi, Dulce, (org.) *Repensando o Estado Novo*, Rio de Janeiro, FGV

Seyferth, Giralda. (1994). “ A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica” In Mauch, Cláudia e Vasconcellos, Naira. *Os alemães no sul do Brasil*, Ed. Da Ulbra

Wolf, Eric R. (2003) “Nacionalismo Camponês em um Vale dos Alpes” In Fieldman-Bianco, Bela & Ribeiro, Gustavo (orgs.). *Antropologia e Poder*, Campinas/Brasília: UNB/ Ed. Unicamp

Zanini, Maria Catarina Chitolina. (1999) “Ítalo-brasileiros: a revivificação da identidade étnica em Santa Maria-RS”. *Travessia – Revista do Migrante*, nº 34, maio-agosto

i O Estado Novo Brasileiro durou de 1937 até 1945 e foi caracterizado pela centralização política, pelo fim do federalismo e pelo fechamento do congresso.

ii Termo nativo para designar os índios.

iii Trabalho Alemão